

PENSAR TEOLOGIA ESPIRITUAL: HORIZONTES PARA A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA À LUZ DO POEMA PARTINDO

Antônio Gomes de Medeiros Filho

Religioso salesiano, padre. Atualmente está na assessoria da Comissão Episcopal para a Juventude da CNBB. É mestrando em Teologia Sistemática pela PUCRS Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

<http://lattes.cnpq.br/8731707068158924>

<https://orcid.org/0009-0005-1575-7668>

E-mail: tonhogomes50@yahoo.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RNI-2026.V1N2>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RNI-2026.V1N2-12>

RESUMO: O artigo procura pensar o desafio de fazer teologia, a partir do poema intitulado PARTINDO de José Ivan Pimenta Teófilo, o autor propõe pensar a Vida Religiosa Consagrada abstraíndo seu significado e sentido no processo histórico e na reflexão do Concílio Vaticano II. É com o Concílio Vaticano II que a vida religiosa consagrada tem a oportunidade de mostrar seu rosto profético. Ele pede, em síntese, segundo a *Perfectae Caritatis*: a volta ao Evangelho; ao carisma dos fundadores e fundadoras; a abertura aos movimentos da Igreja e aos sinais dos tempos, e a renovação espiritual. Isso aprimorado na Exortação Apostólica *Evangelica Testificatio*. A Vida Religiosa tem, assim, grandes desafios, a saber: Como entender-se como Vida religiosa hoje: Separação do mundo? Vida de perfeição? Imitação mais radical de Cristo? E como fica a Vida Religiosa: processo? Uma forma de chegar a ser cristão? Uma forma de radicalidade no seguimento de Jesus?

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Fazer teologia. Vida Religiosa. Sentido da vida.

THINKING SPIRITUAL THEOLOGY: HORIZONS FOR CONSECRATED RELIGIOUS LIFE IN THE LIGHT OF THE POEM PARTING

ABSTRACT: The article seeks to think about the challenge of doing theology, based on the poem entitled STARTING from José Ivan Pimenta Teófilo, the author proposes to think about Consecrated Religious Life abstracting its meaning and meaning in the historical process and in the reflection of the Second Vatican Council. It is with the Second Vatican Council that consecrated religious life could show its prophetic face. In short, according to *Perfectae Caritatis*, he asks for a return to the Gospel; to the charism of the founders and foundresses; openness to the movements of the Church and the signs of the times, and spiritual renewal. This is improved in the Apostolic Exhortation *Evangelica Testificatio*. Religious life thus has great challenges, namely: How to understand oneself as religious life today: Separation from the world? Life of perfection? More radical imitation of Christ? And what about Religious Life: process? One way to become a Christian? A form of radicalism in the following of Jesus?

KEYWORDS: Poetry. Do theology. Religious Life. Meaning of life.

PARTINDO

José Ivan Pimenta Teófilo, SDB Padre

Descobri que toda a vida
é feita de despedida.
Que nasci pra caminhar
pra ir além e deixar
e pra viver só do que vem.
E quando o que vem
chegar ainda ir
e viver só de partir.
Partir não me faz sofrer
é não ir
é parar
é desistir.
Quem parte
e não tem medo
de se perder vai chegar
e entender que só se perde
quem não for.
Quem vai
por qualquer caminho

jamais andarás sozinho,
há sempre alguém
partindo pra alguma parte
e quem parte reparte
Vida e caminho.
As flores que ficarem
me esperando lá na frente,
Os sóis que eu deixar para trás
me acenarão brevemente,
Os pássaros
que se espantarem
com medo dos
meus passos
vão inventar
madrugadas
e festejar o
incessante
chegar – deixar – partir
da caminhada errante!

INTRODUÇÃO

Um poema? A poesia consegue dizer o indizível: traduz a vida, interpreta sonhos, desejos, fala das paixões, articula as diferenças, aproxima o real do ideal¹.

Originalmente, a vida religiosa consagrada sempre foi uma profecia, isso desde os primeiros monges do deserto, quando se rebelaram contra uma Igreja pomposa e infiel à sua origem.

¹ Convidado a escrever um artigo. E pensei retomar um texto que escrevi na época da teologia, num curso intensivo sobre a Teologia da Vida Religiosa, ministrado pela Dra. Irmã Maria Carmelita de Freitas, escrevi a partir de um poema do Padre José Ivan Pimenta Teófilo, SDB. O texto vai enriquecido com o aprendido ao longo das disciplinas do mestrado em Teologia na PUCR.

A vida religiosa consagrada, no decorrer dos anos e dos séculos, sempre revelou e revela pessoas individualmente ou grupos que vivam de forma profética, procurando imitar o próprio Jesus Cristo no seu estilo de vida.

Os anos e os séculos passaram e ela sempre continuou a ter sua importância fundamental na sociedade e na Igreja. O Magistério sempre enfatizou a relevância que a vida religiosa consagrada teve e tem na Igreja, sobretudo com o Concílio Vaticano II e os documentos *Lumen Gentium* e *Perfectae Caritatis*. É com sua presença em meio aos mais vulneráveis que ela revela sua profecia. Já dizia João Paulo II que a vida religiosa consagrada nunca deverá faltar à Igreja.

A Vida Religiosa Consagrada a cada tempo e lugar é provocada a responder aos desafios do ser cristão no mundo. Hoje isso não é diferente, pelo contrário, é mais exigente necessitando capacitação, reflexão e mística.

Elenco aqui três aspectos do horizonte que se nos apresenta hoje:

a) Temos uma herança racional, patriarcal, lógica, sistêmica que em nosso tempo vem sendo bastante questionada por sua parcialidade e negação de pontos essenciais: os sentidos, o feminino, os ecossistemas, o sentimento, o lúdico, o escuro...

b) Fazer teologia é pensar o plural, é articular Logos e Eros, Apolo e Dionísio... é fazer um processo de desconstrução para reconstruir: “Com panos novos, ordres novos” ... estruturas novas, abertas.

c) A poesia é fala que tenta construir o plural, falar de coisas “proibidas”: abre a imaginação dança com as ideias. Na poesia Deus fala, aparece, torna-se presente, nos recria, faz-nos novos. E conseguimos vê-lo belo, eterno, sempre novo, amigo, irmão, companheiro do caminho que se faz caminhando. Na poesia, Deus é gracioso, não é somente “vento impetuoso” – masculino -, mas é também, e, principalmente, “brisa morna” da tarde – feminino.

A Vida Religiosa, na Igreja, ontem e hoje tem essa missão de recuperar o sonho, o encantamento do desígnio de Deus aos seres humanos, a toda criação. Por isso temos que investir na renovação de tudo, fazendo o novo aparecer com mais transparência, aproximando-nos mais da fonte da vida, o próprio Deus.

É com o Concílio Vaticano II que a vida religiosa consagrada tem a oportunidade de mostrar seu rosto profético². Ele pede, em síntese, segundo a *Perfectae Caritatis*: a volta ao Evangelho; ao carisma dos fundadores e fundadoras; a abertura aos movimentos da Igreja e aos sinais dos tempos, e a renovação espiritual. Isso aprimorado na Exortação Apostólica *Evangelica Testificatio*³.

A Vida Religiosa tem, assim, grandes desafios, a saber: Como entender-se como Vida religiosa hoje: Separação do mundo? Vida de perfeição? Imitação mais radical de Cristo?

E como fica a Vida Religiosa: processo? Uma forma de chegar a ser cristão? Uma forma de radicalidade no seguimento de Jesus?

Com certeza o processo de renovação da Vida Religiosa vem acarretando mudanças de paradigmas vitais. Isso não ocorre sem tensões, sem vida, sem movimento, sem busca.

Esse processo desencadeado nos revela que as coisas não estão prontas, estão por fazer, é tarefa nossa; que o desenrolar da vida é relação criacional; nos aproxima do rigor racional e de uma humildade que relativiza as posições para trilhar o caminho de fidelidade ao Senhor a cada tempo e lugar. Como diz o poeta: “...e aprendi que se depende sempre de tanta e muita diferente gente. Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas. E é tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho por mais que se pense estar...”⁴ Assim, em contexto, somos convocados a responder criativamente o novo que vem e se apresenta a nós: “odres novos para vinhos novos”.

SOBRE O AUTOR DO POEMA

Quem é Ivan? Uma pessoa que viveu seus dias na busca incessante de fidelidade ao AMOR TOTAL, no amor ao próximo, nos rostos dos empobrecidos do Nordeste

² As mulheres religiosas somente puderam ser admitidas na segunda sessão do Concílio, apenas como ouvintes. Cf. Beozzo, J.O., Presença e atuação dos bispos brasileiros no Vaticano II, p. 127.

³ Exortação apostólica de Paulo VI, acerca da renovação da vida religiosa, segundo o ensinamento do Concílio (29 de junho de 1971), a cinco anos da *Perfectae Caritatis*, em AAS, 1971. Dividida em quatro capítulos, a exortação conclama a todas as formas de vida religiosa consagrada a viverem a união com Deus; a empenharem-se a viver os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência em meio à realidade; a conduzir a própria vida de forma a unificá-la com a pessoa de Jesus Cristo e exorta a uma constante atualização e crescimento espiritual.

⁴ Canção da Música Popular Brasileira: [Caminhos do Coração \(Pessoa = Pessoas\) - Gonzaguinha - LETRAS.MUS.BR.](#)

brasileiro. Cearense de nascimento, o Ivan acompanhou as mudanças na Igreja, sentiu todas elas em si também.

Nos últimos dias de sua vida era presença questionadora, sempre perguntando, indagando, provocando as mudanças. Um cristão “inquieto”, profeta no meio da Congregação Salesiana no Nordeste.

Passou por um caminho de descoberta do mundo dos pobres. Do passo nocional para o afetivo, do afetivo para efetivo com os pobres e a partir do seu mundo.

Ivan morreu no dia 24 de fevereiro de 1990, um sábado de carnaval. Morreu como indigente no Hospital Getúlio Vargas no Recife, de uma parada cardíaca... Ivan é memória de quem quer fazer o caminho de encontro com o Senhor nos empobrecidos da América. Como diz o Livro Sagrado: “...estes são os homens de bem cujos atos não caíram no esquecimento” (Ecl 4,10).

Eis um de seus pensamentos a um grupo de Lideranças da Pastoral da Juventude do Meio Popular no Recife: “o cristão não foge aos desafios de sua época; não fica de braços cruzados, de boca fechada, de cabeça vazia, não tolera a injustiça nem as desigualdades gritantes do nosso mundo, luta pela verdade e justiça com as armas do amor... O cristão não desanima nem desespera diante das derrotas e dificuldades, porque sabe que a única coisa que vai sobrar de tudo isso, é o AMOR”.

ANALISANDO A VIDA RELIGIOSA À LUZ DO POEMA

A poesia consegue dizer o indizível: traduz a vida, interpreta sonhos, desejos, fala das paixões, articula as diferenças, aproxima o real do ideal.

A Vida Religiosa Consagrada a cada tempo e lugar é provocada a responder aos desafios do ser cristão no mundo. Hoje isso não é diferente, pelo contrário, é mais exigente necessitando capacitação, reflexão e mística.

*Descobri que toda a vida
é feita de despedida.
Que nasci pra caminhar
pra ir além e deixar*

O religioso é um ser itinerante, mensageiro da boa notícia do reinado de Deus. Não se satisfaz com o estabelecido, tem a sede de estar buscando, indo além, superando-se. Entrega-se à “providência”, não cria esquemas fixos, está sempre sondando o espírito. Está atento aos sinais dos tempos.

O religioso não tem local fixo, pois a vida é movimento e o sentido da vida é algo sempre a ser perseguido. Há encontros e despedidas. As despedidas doem, geram saudades, uma presença ausente; faz-nos voltar às fontes, às origens de nosso caminhar.

O ser humano é fruto de um longo processo de evolução da própria vida. A vida evoluiu milhares e milhares de anos até criar esta espécie a qual pertencemos e que chamamos humana. Em nós a vida continua sendo criada, continua desenvolvendo-se, desdobrando-se, revelando-se em diferentes grupos culturais, em diferentes organizações econômicas, políticas, sociais e culturais. A vida fez surgir o ser humano do interior da própria evolução criativa da terra e do cosmo.

Por sua vez, o ser humano continua em si mesmo e nas suas obras a própria expressão criativa da vida. Nós nos recriamos na própria evolução criativa da vida. Nesse nível de expressão temos que incluir também nossa capacidade reflexiva, nossa capacidade de amar, nossa capacidade ética e todas as outras capacidades que nos caracterizam.

Nosso aprendizado vital articulado ao conjunto da natureza, permitiu que gradualmente respondêssemos, por exemplo, ao desafio que um rio nos lança como 'separação' entre um lugar e outro e, fomos capazes de construir pontes.

Para nos deslocarmos nas águas construímos barcos e em seguida navios. Para vencer as distâncias construímos aviões e assim por diante. Aprendemos a observar atentamente nossa existência humana, a vida dos insetos, animais, plantas e com todos eles descobrimos caminhos para vivermos e desenvolvermos nossa criatividade e nos ajustarmos aos desafios de cada situação.

Nosso aprendizado vital nos fez descobrir as causas sociais da pobreza econômica de nossos povos, nos fez elaborar hipóteses explicativas e interpretações da história, assim como organizar ações concretas.

As nossas ideias sobre as coisas, sobre nós mesmos, sobre o universo não nascem prontas, não caem milagrosamente do céu e nem brotam magicamente da terra. Elas são fruto de lenta maturação, de milênios de anos de gestação de contínua transformação, mesmo se nem sempre perceptíveis por nós em todo seu complexo percurso. O e Cremos, o evento Cristo diz respeito ao grande Amor de Deus por nós humanos, o Verbo (Palavra = כֶּתֶב em hebraico *Dabar*) transforma-se Corpo, acampa entre nós, no dizer do evangelho segundo João. O Verbo assume a condição humana, torna-se um de nós: concreto, situado, determinado; torna-se um ser humano: Jesus de Nazaré. Como humano Jesus teve que experimentar todo o processo que a humanidade já havia feito até ele. Ele assume toda essa evolução, reformula, questiona, continua e transforma sempre a partir de uma intimidade profunda com o transcendente: יהוה (nome de Deus que os judeus não pronunciam, é conhecido como o tetragrama, está na Bíblia hebraica) que Ele chama de אֱלֹהִים: painho. Jesus teve grande abertura na acolhida do diferente, e foi um ser de muitos movimentos (físico, de consciência, de relações).

*E quando o que vem
chegar ainda ir
e viver só de partir.*

Essa entrega ao desconhecido é difícil e exige constante retorno aos princípios: “pois o Filho do Homem nem tem morada...”. Ser humano é fazer processo *kenótico*: não se deixar possuir por aquilo que se tem. Embora, seja preciso seguir caminhando, amando o que se tem. Caminhando como se víssemos o invisível.

É nesse percurso de estar em relação, em processo de comunicação para além de nossas fronteiras que crescemos e nos enriquecemos. Continuar cristão hoje, passa necessariamente pela capacidade de estar aberto ao outro, ao diferente e caminhar juntos levando a nossa identidade em constante construção.

Não dá para pensar o cristianismo de forma estática, imóvel e parada. O Cristianismo é proposta de um evento que se expressa e se comunica em cada tempo e lugar, a partir e como eixo, de uma visão sempre nova e inteligível para cada povo, tempo e lugar.

O cristianismo está intimamente ligado ao processo de humanização, e como integrador deste processo deve estar atento para alimentar uma postura de abertura, sua identidade é algo que está em profunda comunicação consigo, com os outros e com o Outro transcendente - Deus. É experiência feita por humanos, um sentido construído por nós, é uma compreensão, uma linguagem em movimento.

Somos chamados a dar razão de nossa presença cristã numa perspectiva de diálogo com o mundo. Contudo, isso não se fará sem um esforço profundo de compreender o nosso tempo e o horizonte que nos cerca, as referências e fundamentos que sustentam este nosso tempo.

Os votos inserem-se aqui como uma confissão pública de amor a ser construído; como meio e não finalidade última do ser religioso.

*Partir não me faz sofrer
é não ir
é parar
é desistir.*

Nascemos para o movimento, para a busca, para sonhar, para ir além do estabelecido, para nos superar. A Vida Religiosa é sinalizadora da radicalidade evangélica, é vida de fronteira. É sempre convocada pelo Espírito que renova tudo.

Não dá para pensar Jesus de Nazaré, o Cristo, dissociado da sua raiz: seu povo com suas lutas, história, crenças, religiosidade. Jesus foi judeu. Viveu, cresceu, morreu judeu. Este é o primeiro ponto que temos que considerar, somos cristãos, seguidores de um grande judeu: Jesus de Nazaré, o Cristo.

Vamos recordar os encontros de Jesus. Ele foi profundamente homem de encontro. Mantendo sua identidade de Judeu, ele não se fechou para a relação com o diferente, as vezes até inimigos de seu povo, como era o caso dos Samaritanos.

Alguns estudiosos da bíblia, discutem se realmente estas palavras (ou algumas palavras colocadas na boca de Jesus) foram ditas por Jesus ou não. Contudo, estes textos reportam-nos para uma mentalidade ou de Jesus ou de quem escreveu os relatos, de quem considerava está seguindo Jesus, caminhando na mesma estrada dele.

Mesmo assim, dois relatos dos Evangelhos fazem-nos pensar nesta perspectiva de abertura de Jesus (Mt 15, 21-28 ou Mc 7, 24-30 e Jo 4, 4-42), são: o encontro com a estrangeira (Siro-fenícia ou Cananéia) e com a Samaritana, estes encontros dão indícios de uma abertura de Jesus para os outros, o diferente.

Vamos percebendo um Jesus que se encontra com as pessoas: no Templo, no poço, nos mercados, nos caminhos, nas casas, nas refeições, debaixo das árvores, nos morros, no mar... onde estavam as pessoas, ali estava Jesus.

Em Lucas 4, 18-19 Jesus nos diz quem são essas pessoas, quando assume sua missão e diz quem são os preferidos com os quais irá se encontrar: “O Espírito do Senhor está sobre mim. Ele me consagrou para pregar a Boa Notícia aos pobres, anunciar a libertação aos escravizados e a recuperação da vista aos cegos, libertar os oprimidos e proclamar o ano da Graça do Senhor para todos”.

E vai ser na margem da cidade, na margem da sociedade, na margem da vida que Jesus se encontra com homens, mulheres, crianças, jovens, adultos.

As histórias de encontros e curas não ficam só no milagre, mas mostram um novo jeito de viver. Mostram que a Boa Nova é para todos. No Reino de Deus não há lugar para a injustiça, para a desigualdade e para a exclusão.

Muitos dos encontros não foram provocados por Jesus, mas por pessoas que acolhiam a Boa Notícia e se interessavam em levar até Jesus os amigos marginalizados e desprezados, acreditando que Ele poderia ajudá-los a mudar a realidade de preconceito e de sofrimento em que viviam.

Muitos desses encontros foram com mulheres. Os diferentes encontros delas com Jesus sempre apontam para a necessidade de ir além da tradição e da Lei; para a necessidade de conversão, como forma de mudar e refazer a vida.

O convite à conversão significa um convite à participação na comunidade, na vida, à mudança nas relações que as pessoas têm com outras. Encontrar Jesus significa tomar partido, participar. Significa voltar para a família, para a comunidade, livre das amarras do preconceito.

*Quem parte
e não tem medo
de se perder vai chegar
e entender que só se perde
quem não for.*

Esse é o caminho da humanidade. Caminhando vai-se descobrindo sentidos. É o caminho da vida de Jesus: “tão humano que só podia ser divino e tão divino que só podia ser humano”.

A busca nos faz mais humildes, mais aprendizes, mais discípulos, mais dinâmicos, mais criativos, mais serenos, mais audazes, mas comprometidos com o novo. O novo a ser buscando é: como ir sendo religioso na contemporaneidade.

Não dá para pensar Jesus de Nazaré, o Cristo, dissociado da sua raiz: seu povo com suas lutas, história, crenças, religiosidade. Jesus foi judeu. Viveu, cresceu. morreu judeu. Este é o primeiro ponto que temos que considerar, somos cristãos. seguidores de um grande judeu: Jesus de Nazaré, o Cristo. O próprio Cristianismo primitivo nasce como uma ramificação do judaísmo. Era uma visão dentro do judaísmo.

Convém recordar os encontros de Jesus. Ele foi profundamente homem de encontro. Mantendo sua identidade de Judeu, ele não se fechou para a relação com o diferente, as vezes até ‘inimigos’ de seu povo, como era o caso dos Samaritanos, tratados como judeus de terceira categoria, gente que havia se misturado com muitos povos.

Dois relatos dos Evangelhos fazem-nos pensar nesta perspectiva de abertura de Jesus (Mt 15, 21-28 ou Mc 7, 24-30 e Jo 4, 4-42) o encontro com a estrangeira (Sirofenícia ou Cananéia) e com a Samaritana, estes encontros dão indícios de uma abertura de Jesus para os outros, os diferentes.

Vamos percebendo um Jesus que se encontra com as pessoas. No Templo, no poço, nos mercados, nos caminhos, nas casas, às refeições, debaixo das árvores, nos morros, no mar... onde estavam as pessoas, ali estava Jesus, falando sobre o Reino de Deus. Falando da VIDA, querendo que todos tenham VIDA.

Em Lucas 4, 18-19 Jesus nos diz quem são essas pessoas com quem quer se encontrar, quando anuncia sua missão e diz: “O Espírito do Senhor está sobre mim. Ele

me consagrou para pregar a Boa Notícia aos pobres, anunciar a libertação aos escravizados e a recuperação da vista aos cegos, libertar os oprimidos e proclamar o tempo da Graça do Senhor para todos”.

E vemos muitos encontros de Jesus com pessoas doentes, do corpo e da mente. É doente quem está impedido de participar da vida. E vai ser na margem da cidade, na margem da sociedade, na margem da vida que Jesus se encontra com homens, mulheres, crianças.

As histórias de encontros e curas não ficam só no milagre, mas mostram um novo jeito de viver. Mostram que a Boa Nova de Jesus é para todos. No Reino de Deus não há lugar para a injustiça e para a desigualdade.

Muitos dos encontros não foram provocados por Jesus, mas por pessoas que acolhiam a Boa Notícia e se interessavam em levar até Jesus os amigos marginalizados e desprezados, acreditando que Ele poderia ajudá-los a mudar a realidade de preconceito e de sofrimento em que viviam.

Muitos desses encontros foram com mulheres. Os diferentes encontros delas com Jesus sempre apontam para a necessidade de ir além da tradição e da Lei; para a necessidade de conversão, como forma de mudar e refazer a vida.

O convite à conversão significa um convite à participação na comunidade, na vida, à mudança nas relações que as pessoas têm com outras. Encontrar Jesus significa tomar partido, participar. Significa voltar para a família, para a comunidade, livre das amarras do preconceito.

Esses encontros foram formando em torno de Jesus um grupo de seguidores, gente preocupada em construir o Reino de Deus. Mas também aconteceram desencontros, com quem não queria que a vida mudasse, gente que lucrava com a não participação de pobres, mulheres, doentes, crianças.

Convém dizer, para deixar claro, que a exclusão falada acima seja algo do judaísmo como um todo, pelo contrário Jesus aqui insere-se dentro de um profundo espírito judaico que é o do cuidado da viúva, da criança, do órfão, do estrangeiro. Ele segue a linha do profetismo de Israel.

O ecumênico de Jesus e em Jesus está ligado à defesa da vida. Ao cuidado e amparo dos que mais sofrem. A identidade de Jesus e de seus seguidores dá-se explicitamente nesta perspectiva: o diálogo fundamenta e alimenta convicções de estarmos plantando e defendendo valores fundamentais para a vida humana, dos seres vivos e de todo o cosmos.

*Quem vai
por qualquer caminho
jamais andará sozinho,
há sempre alguém
partindo pra alguma parte
e quem parte reparte
Vida e caminho.*

Assim vem sendo na Vida Religiosa: a vida monacal, mendicante, apostólica, inserida... contemplativa e contemplativa na ação. Os caminhos nos apresentam um horizonte, e já aqui percebemos uma diversidade de compreensão do caminho, talvez porque não seja o caminho, mas os caminhos, que se completam, que são espaço de possibilidades. E na relação se constrói vida e novos caminhos.

Aqui, também, vamos encontrando uma perspectiva muito bonita da vida comunitária: nela nós nos construímos, nela somos e nos enriquecemos, nela o processo de humanização é mais evidente.

Quem sabe não está aí um desafio para a formação dos Consagrados: as diferenças.

É da experiência com o Ressuscitado, do querer caminhar com Ele e como Ele caminhou, e inspirados pela força, - calorosa e ardorosa -, do Espírito Santo... Espírito de Jesus, que nasce a Igreja.

Dessa presença de Jesus, naqueles que se reúnem em seu nome, nasce a Igreja. À presença de Jesus marcou e marca seus discípulos suas palavras, suas posturas, seus gestos, sua ação provocam num grupo de mulheres e homens a vontade de se tornarem seus discípulos, seguidores que espalham essa busca de ser sinal da proposta do Evangelho, da Boa Notícia de Deus, anunciada e vivida pôr Jesus.

A Igreja começa pequena, começa de baixo, começa dos simples... É iniciada pelas mulheres e homens que, impulsionados pelo Espírito Santo, vão formando comunidade. O número vai crescendo, as comunidades vão se espalhando, encontrando-se com muitas diferenças étnicas, sociais, políticas, religiosas, culturais, vai aparecendo mais dificuldades. As comunidades, animadas pelos apóstolos, vão se articulando, encontrando-se em Concílios para ir resolvendo as dificuldades, vendo os passos para seguir o caminho de fidelidade ao Senhor e aos seus desígnios.

Há um ideal que marca as comunidades: eles viviam unidos, assíduos na oração, na fração do Pão, distribuíam os seus bens, e não havia necessitados entre eles (At 2,42-47). Eram animados pelos apóstolos que mantinham a chama acesa da memória ativa do Senhor Jesus.

A Igreja, portanto, é continuadora da missão salvadora de Deus na história. É a porção do Povo de Deus que tem a missão de ser sinal de salvação para a humanidade. Isso é uma responsabilidade, mas que um privilégio; é um serviço, mas do que um domínio.

Sendo sinal de Deus, a Igreja não é jaula nem prisão de Deus. Ela, a Igreja, aponta para um horizonte de que Deus que nos ama muito, encontra-se na história humana e cósmica. É no mundo que nos salvamos: eis uma verdade que a Igreja, discípula-aprendiz de um caminho, revela-nos: Ela é sacramento da salvação de Deus para todos. Assim, a Igreja se insere como mistério profundo que nos provoca chama para uma comunhão com Deus, uno e trino:

Ela é POVO DE DEUS Js 24, 14-24.

Congregados por Deus mesmo, somos convidados, na nossa liberdade, aprestar culto ao Deus Libertador. Ao Deus que nos livrou da terra do Egito, terra da escravidão, para a Terra da Liberdade, terra que mana leite e mel.

Aqui, percebemos a Igreja como Povo de Deus. Povo deve ser sinônimo de organização, de articulação de um evento coletivo, social. Deus se anuncia, revela-se e comunica-se a este povo. Mesmo encontrando-se com pessoas, com sujeitos concretos, particulares, Ele, o Senhor, sempre convoca para o cuidado, o serviço, a animação de um grupo, de um coletivo, de um povo.

Junto ao culto prestado pelo povo ao seu Senhor, vem a busca de articular palavra e gestos, numa ação de justiça, misericórdia e santidade.

Ela é CORPO DE CRISTO 1Cor 12, 4-11

A imagem do corpo traz uma visão ao mesmo tempo, unitária e diversificada. O corpo é uma unidade de partes diversificadas na forma, no tamanho, na função que ocupa... cada parte deve estar bem, pois se uma vai mal, as outras também sofrerão. Uma não vive sem a outra, sendo assim, o corpo fica uma unidade.

A Igreja tem também esse horizonte: ela acena para a comunhão das diferenças. A diferença não é empobrecimento, mas enriquecimento. Contudo, essa dimensão hoje, mais do que nunca, precisa ser aprofundada, trabalhada e exercitada. Para poder enriquecer, é preciso ver o valor do outro que é diferente. Na Igreja Católica foi se solidificando três categorias que se completam e enriquecem, são vocações pela sua diversidade de ser e de se exprimir no mundo: as leigas e os leigos, as consagradas e os consagrados, e os ministros ordenados: diáconos, presbíteros e bispos. A complementaridade de mulheres e homens torna-se uma urgência cada vez mais clara e evangélica nos nossos dias em todos os níveis do serviço, da missão e das instâncias de decisão.

Ela é TEMPLO DO ESPÍRITO SANTO 1Cor 12,4-11; Rom 8,1-13

Templo indica construção. O templo de pedra construído em Jerusalém viveu sob um processo de construção, destruição, reconstrução, desconstrução... O Templo do Espírito Santo aponta para o nosso corpo. É com o nosso corpo que possibilitamos comunicar o Espírito de Jesus, que habita em nós; é com o corpo que nos expressamos: gritamos, amamos, alimentamos, reproduzimos a vida, construímos, enxergamos, gememos, choramos, sofremos, sentimos, pensamos... O corpo é templo de algo muito sagrado, a vida, nós mesmos. Aqui, no corpo como Templo do Espírito, percebemos a importância de cada ser humano como Igreja.

As três imagens de POVO, CORPO e TEMPLO acenam para dimensões fundamentais da Igreja: coletivo-social, unidade na diversidade e individualidade em relação. As três imagens da Igreja acenam para a comunhão com Deus uno e trino: Pai, Filho e Espírito Santo.

Essa reflexão deve conduzir-nos para a missão da Igreja: ser servidora da humanidade, em particular dos mais necessitados; ser sacramento de Deus para o mundo; ser comunidade de comunidade que celebram e testemunham a presença de Deus que caminha conosco.

*As flores que ficarem
me esperando lá na frente,
Os sóis que eu deixar para
trás
me acenarão brevemente,
Os pássaros
que se espantarem
com medo dos
meus passos
vão inventar
madrugadas
e festejar o*

Da vida levamos muito pouco: chegar – deixar – partir... É disposição de itinerância, de caminho que está sempre por ser feito. Diz-nos um outro poeta: “no final do caminho me dirão: e tu, amastes? Viveste? E eu, sem dizer nada, abrirei o coração cheio de nomes”.

A vida está aí para ser percorrida. A Vida Religiosa se coloca como um dos sentidos cheio de possibilidades para a humanidade, que é uma “eterna guiada” pelo sopro do Espírito que vai e sopra onde quer.

O convite à conversão significa um convite à participação na comunidade, na vida, à mudança nas relações que as pessoas têm com outras. Encontrar Jesus significa tomar partido, participar. Significa voltar para a família, para a comunidade, livre das amarras do preconceito.

Esses encontros foram formando em torno de Jesus um grupo de seguidores, gente preocupada em construir o Reino de Deus. Mas também aconteceram desencontros, com quem não queria que a vida mudasse, gente que lucrava com a não participação de pobres, mulheres, doentes, crianças.

Convém dizer, para deixar claro, que a exclusão falada acima seja algo do judaísmo como um todo, pelo contrário Jesus aqui insere-se dentro de um profundo espírito judaico que é o do cuidado da viúva, da criança, do órfão, do estrangeiro. Ele segue a linha do profetismo de Israel.

O ecumênico de Jesus e em Jesus está ligado à defesa da vida. Ao cuidado e amparo dos que mais sofrem. A identidade de Jesus e de seus seguidores dá-se explicitamente nesta perspectiva: o diálogo fundamenta e alimenta convicções de estarmos plantando e defendendo valores fundamentais para a vida humana, dos seres vivos e de todo o cosmos.

CONCLUSÃO

Meditando sobre o que chamamos Vida Religiosa, o que sou e que faço parte, e diante do que pude expor e analisei, fica a certeza: da busca; que o caminho se faz caminhando; que somos eternos andarilhos, aprendizes do novo da vida que vai se manifestando a cada instante.

Ficou que devo ir aprendendo as lições que a história está escrevendo na complexidade e ambiguidade dos acontecimentos.

E estou tentando ler a Palavra de Deus nos desdobramentos da história do povo. De tudo isso surgem exigências evangélicas que me questionam até a medula de minhas convicções e me desafiam para além de minhas possibilidades. Quando a gente vê mais claro, as responsabilidades crescem e nasce um sentido mais purificado de busca que nos leva a opções criadoras. Assim acredito que a Vida Religiosa – nós – somos convidados a responder aspectos complementares da nossa vida:

- 1) O que a história nos diz,
- 2) O que estamos fazendo e
- 3) O que nos exige o nosso carisma?

Preciso apenas de um pouco de FÉ

Para não cansar na caminhada a pé.

Preciso também de um bocado de ESPERANÇA

Pra não perder o ritmo de tua dança.

Preciso enfim de AMOR

Pra seguir com o povo, com os jovens seja como for.

REFERÊNCIA

BEOZZO, J.O., **Presença e atuação dos bispos brasileiros no Vaticano II**, in Bombonato V. I., (org.) **Concílio Vaticano II, análise e prospectivas**. São Paulo, 2004, p. 127.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Dei Verbum: sobre a revelação divina**. 18 de novembro de 1965a. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 4 nov. 2024.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes: sobre a Igreja no mundo atual**. 7 de dezembro de 1965b. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 13 ago. 2020.

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto Perfect Caritatis, sobre a atualização dos religiosos**, n. 1.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO E CARIBENHO. **Conclusão da Conferência de Medellín – 1968**. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO E CARIBENHO. **Conclusão da Conferência de Puebla – 1979**. São Paulo: Paulinas, 2009.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO E CARIBENHO. **Conclusões da IV Conferência de Santo Domingo: Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã**, 1992. São Paulo: Paulinas, 2006.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO E CARIBENHO. **Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe**. São Paulo: Paulus, 2007.

FRANCISCO. **Carta apostólica às pessoas consagrada para proclamação do ano da Vida Consagrada**. Vaticano, 21 de novembro de 2014.

FRANCISCO. **Exortação apostólica Gaudete et exsultate**, sobre a chamada à santidade no mundo atual. Roma, 19 de março de 2018.

MATOS, H. C., **VIDA RELIGIOSA: UM PROJETO EM CONSTRUÇÃO**, Editora O Lutador, Belo Horizonte MG – 1994.

PAULO VI. **Exortação apostólica Evangelica Testificatio**. Vaticano. 29 de junho 1971.

POLI, G. F. e CRESPI, P. **Documenti sulla vita consacrata 1990-1996**. La vita consacrata. Lettera dei vescovi italiani alle comunità cristiani, Torino, 1998, 331.

SOBINO, Jon. **A RESSURREIÇÃO DA VERDADEIRA IGREJA**. Edições Loyola, São Paulo SP, 1983.

SOBRINHO, R R. Dados para o **NECROLOGIO** sobre José Ivan Pimenta Teófilo. Inspeoria Salesiana São Luís Gonzaga – Recife. Brasil.1990.

Submissão: novembro de 2025. Aceite: dezembro de 2025. Publicação: abril de 2026.